

---

## **Pauta Gênero: Olhares e textualidades sobre os corpos como semiosfera<sup>1</sup>**

Carlos Augusto de França ROCHA JÚNIOR<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

Pensar um exemplo prático para as reflexões empreendidas sobre corpos e corporalidades é um desafio contínuo quanto considera-se a cobertura midiática. O estudo a seguir reflete a respeito do trabalho do projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Pauta Gênero, desde março de 2020. A escolha é por um olhar mais atento a respeito do perfil do projeto na rede social Instagram e como esta produção aborda os corpos na cobertura midiática local e nacional. Para entender mais sobre as corporalidades recorre-se a Campelo (1996), Rosário e Aguiar (2014); Pelúcio (2016) e Preciado (2019).

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpos; Pauta Gênero; UFMT; Cobertura Midiática; Hegemonia.

### **Introdução**

Pensar a respeito do corpo como texto é um desafio, não pelos paralelismos que são possíveis, mas pelos horizontes que são bastante amplos. O receio de sempre é por uma desorientação que conduza a uma reflexão superficial que não alcance a contento o tema abordado. É desafiador pensar que os corpos possuem significados e estão envolvidos em uma dinâmica complexa representada na produção midiática em suas virtudes e defeitos.

Ao mesmo tempo é estimulante compreender melhor os significados que os corpos adquirem na cobertura midiática que explora cada vez mais as diferentes corporalidades. São diferentes corpos que estão sujeitos a julgamentos, entre interdições e exaltações, normatizações e disputas. Todos estes movimentos condicionam os olhares sobre corpos, sob o rótulo de “normal” que na atualidade passam a enfrentar uma oposição que denuncia o quanto estas construções são representações de uma estrutura desigual.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: carlosrocha.the@gmail.com.

---

Apresentar projetos e propostas que desnudem as representações que os corpos alcançam na mídia é uma oportunidade ao mesmo tempo de entender como estas representações alcançam status hegemônico e como esta hegemonia está cada vez mais sujeitas a contestação. É importante delinear o papel da tecnologia para tornar os questionamentos acessíveis a um público maior e fomentar o debate com interações entre pessoas que estão em diferentes espaços.

Em tempos de pandemia de Covid-19 a tecnologia é fundamental nas empresas, no consumo de informação e também na construção de conhecimento. Um momento de adaptação, por um lado, e que permite ampliar horizontes para construir um projeto sem perder de vista as dificuldades dos tempos pandêmicos. Observar a pandemia apenas como uma oportunidade seria agir de modo acrítico reproduzindo visões hegemônicas a respeito do corpo pandêmico.

A escolha pelo projeto de extensão Pauta Gênero deve-se ao monitoramento realizado, em profundidade, sobre a produção midiática e seus significados. Com mais de um ano de atuação o projeto passa por transformações para manter-se fiel ao propósito de atuar como um observatório de mídia com atuação especializada em questões de gênero. É um terreno bastante fértil para tratar dos corpos como textos, sejam os elaborados pelos veículos de mídia ou os das análises do Pauta Gênero.

## **1. Olhares sobre corporalidades**

O corpo comunica e o faz para além de sua materialidade física e aparente. É preciso compreender este aspecto considerando que isto implica superar dualismos ou polaridades que envolvem também o corpo e muitos de seus significados já consolidados. Rosário e Aguiar (2014) de modo bastante objetivo assumem corporalidades como perspectiva teórica relacionada ao estudo de elementos comunicacionais da ordem do corpo.

A escolha gera algumas implicações importantes. Primeiramente sobre o corpo e posteriormente sobre a comunicação em seus paralelismos e indissociações, como corpo e sujeito, bem como desejo e significado. Estas implicações representam uma provocação por compreender tensionamentos e diâmicas relacionadas ao corpo e o quanto ele está inserido em um âmbito ao mesmo tempo comunicacional e cultural.

---

Em outra perspectiva, Campelo (1996) olha para o corpo como textualidade a partir da elaboração de textos como pensar, lembrar, operar e aprender. O corpo, neste caso, é pensamento, lembrança, operação e aprendizado, relacionado ao significado como é o texto. São paralelos bastante férteis ao tomar possibilidades de reflexões interligadas, memória em funcionamento complexo e ações culturais como exemplos de aprendizado. Estas características e opções associadas ao corpo o tornam um exemplo de texto bastante complexo.

O corpo é um mecanismo complexo e o homem aculturado tem acrescentado tantos compartimentos extras a este corpo biológico que esta expansão sígnica contínua acaba exigindo algum cuidado para que se tente evitar os lugares-comuns e os preconceitos no entendimento do homem em relação a si próprio. (CAMPELO, 1996, p. 66)

Campelo toma o corpo humano como semiosfera, na prática um gerador de textos que operam de diferentes modos, em um complexo multifacetado, e exigindo toda uma gama possível de leituras. Tudo isso a partir da grande capacidade visual humana, cada vez mais explorada na atualidade como estímulo a interpretação, mesmo que sob inibições e direcionamentos em determinados momentos.

O corpo como texto destaca-se em diferentes aspectos, seja como estilo ou como gestos. Para Campelo a identificação como pessoa advém da personalidade corporal em que tudo que está presente no corpo é texto e a identifica, para além do que ela pensa e sente. Tal aspecto é cada vez mais evidenciado com os sites de rede sociais como parte do regime farmacopornográfico mencionado por Pelúcio (2016) em referência a Preciado na proposta de integração, distribuição e organização de diferentes elementos situados na fase atual do capitalismo, como também estão os corpos.

Os horizontes sobre a noção de corpo apontadas por Campelo são exemplificadas por Pelúcio nos olhares sobre o queer como pensamentos que se baseiam e extrapolam o corpo para compreendê-lo como expressão política. Tal aspecto está presente em diversos debates travados na arena midiática, desde as histerias higienistas, lembradas por Pelúcio, para tratar da AIDS nos anos 80 do século XX, até a situação atual em que constroem binarismos em prol de uma hegemonia constantemente sob ameaça.

---

As ameaças são representadas por diferentes aspectos, principalmente pelo fato de que quem está na oposição cada vez mais tem possibilidades de acesso a tecnologias de comunicação para contestar o grupo hegemônico. Estas ameaças estão ligadas ao corpo como texto que brota das emoções, como aponta Câmpelo (1996). Estas emoções estruturam mudanças que transformam as ações culturais superando lugares comuns e preconceitos relacionado ao corpo humano.

Os corpos, assim como na reflexão de Pelúcio (2016), tem fronteiras cada vez mais porosas e penetráveis, bem como transita entre periferias e centros em constantes transformações. É um trânsito perceptível também na denúncia das hegemonias e sua contestação, na perspectiva de não “normalizá-la”, como faz Preciado (2019), em sua reflexão sobre as tecnologias de gênero, aplicadas aos banheiros públicos, mas que pode ser amplificada para outros espaços.

Esta amplificação das tecnologias de gênero, relacionadas principalmente aos espaços público e privado, associado respectivamente a homens e mulheres pode ser associada ao vestuário, ao olhar, a tudo que envolva o corpo. “Não nos perguntam se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, ninguém se interessa nem pela cor nem pelo tamanho da merda. A única coisa que importa é o GÊNERO” (PRECIADO, 2019, Online). Neste aspecto o gênero é um direcionador de políticas relacionadas ao corpo, com reflexos em como estes corpos são lidos como textos.

## **2. Pauta Gênero: Origem durante a pandemia com desenvolvimento remoto**

O Observatório de Comunicação e Desigualdades de Gênero - Pauta Gênero - é um projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), existente desde março de 2020 a partir da formação do grupo para o Monitoramento Global de Desigualdade de Gênero (GMNP). O projeto começou a partir da coleta de dados para este levantamento e ampliou-se para discussões sobre desigualdades de gênero e suas intersecções a partir de diferentes ferramentas.

O grupo busca compreender os modos pelos quais a comunicação pode perpetuar determinados estados ou agenciar mudanças, ao mesmo tempo que pode questionar ou naturalizar processos. As discussões geram uma crítica social, e da mídia, para acompanhar atentamente o que é dito, os modos de dizer e quem é silenciado neste processo. Neste intuito o grupo atua em diferentes frentes: O blog Pauta Gênero,

---

hospedado do Medium<sup>3</sup>, os perfis nas redes sociais Instagram<sup>4</sup> e Facebook,<sup>5</sup> e interações com diferentes grupos, como o Observatório Virtual de Gênero e Sexualidade na pandemia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A respeito da produção específica do grupo, o blog e os sites de rede social são articulados não como repetições um do outro, mas remissões para que a pessoa que acessa um siga para acompanhar mais do grupo no outro. O blog e os perfis em redes sociais têm a função também de servirem como repositório das reflexões promovidas pelo Pauta Gênero em suas reuniões semanais através do debate de textos, de monitoramento de sites locais e regionais e a participação em monitoramentos nacionais, bem como internacionais.

A ênfase nestes espaços advém também da articulação do grupo, no contexto da pandemia de Covid-19, que apontou para o isolamento social e uma ação mais remota como ferramentas para realizar o trabalho do grupo e evitar uma exposição acentuada a doença. O desenvolvimento do projeto de extensão acontece reconhecendo limitações e dificuldades, por problemas de conexão ou equipamentos, ao mesmo tempo que empreendendo a interação entre pessoas que estão em diferentes Estados do Brasil.

A escolha por um olhar mais detalhado para o perfil do Instagram neste estudo, é motivada por compreender mais sobre os corpos destacados no Pauta Gênero, principalmente nas diferenças demarcadas nas análises sobre os veículos de comunicação. Refletindo sobre como os veículos de comunicação tratam os corpos o Pauta Gênero avança em questionamentos para transformar o fazer jornalístico, ou pelo menos colocá-lo em uma berlinda sobre sua atuação para além de uma atividade técnica.

### **3. Pauta Gênero em blog e redes sociais: Corpos em diferentes linguagens e abordagens**

Os corpos são um tema que atravessa as discussões promovidas pelo Pauta Gênero. Este aspecto fica bastante evidenciado na produção para as redes sociais do projeto de Extensão. Em um primeiro aspecto, é importante destacar os temas que resultam em reflexões para o blog do Pauta Gênero e que são referenciadas nos perfis

3 <https://medium.com/pauta-genero>

4 <https://www.instagram.com/pautagenero/>

5 <https://www.facebook.com/pautageneroufimt>

do Instagram e Facebook. O corpo, abordado na cobertura midiática, é objeto de análise que questiona as escolhas dos veículos de comunicação apontando desigualdades de gênero.

Os corpos são tomados semioticamente, seja como texto ou como imagem. Entre as análises realizadas pelo Pauta Gênero cabe situar algumas, apenas a título de exemplo, como “Caso Miguel Otávio: como a cobertura da morte trágica de crianças diz muito sobre gênero”<sup>6</sup>, “A mulher e a casa: a naturalização da responsabilidade feminina na organização do lar”<sup>7</sup> e “Ofensas a Patrícia Campos Mello e o machismo contra mulheres jornalistas”<sup>8</sup>. São olhares diferentes sobre o corpo expressos nestas e em outras postagens.

Na postagem do Instagram sobre a morte do menino Miguel Otávio, em Recife, o questionamento debruça-se sobre como a cobertura jornalística olha para os corpos em diferentes aspectos. A reflexão aborda o que pesa sobre os corpos, como os das crianças e mulheres negras que são vítimas de violências. Imagens e palavras articulam-se para provocar questionamentos sobre como estes corpos negros são tratados na mídia, seja na cobertura do fato em si, a morte de Miguel Otávio, como na comparação com outros episódios de violência contra crianças.

Cabe destacar também a respeito deste tema, o quanto as questões tratadas nas análises do Pauta Gênero não são estanques. Há espaço para que elas possam ser retomadas conforme passem por atualizações, que comportam também os olhares para os corpos em questão. No final de 2020, o perfil pública vídeo<sup>9</sup> relembrando a análise por ocasião do andamento do processo judicial que responsabiliza Sarí Corte Real, a patroa da mãe de Miguel Otávio.

6 <https://medium.com/pauta-genero/caso-miguel-ot%C3%A1vio-como-a-cobertura-da-morte-tr%C3%A1gica-de-crian%C3%A7as-diz-muito-sobre-g%C3%AAnero-83dcf06984af>  
Caso Miguel Otávio: como a cobertura da morte trágica de crianças diz muito sobre gênero

7 <https://medium.com/pauta-genero/a-mulher-e-a-casa-a-naturaliza%C3%A7%C3%A3o-da-responsabilidade-feminina-na-organiza%C3%A7%C3%A3o-do-lar-eac30b59b91c> A mulher e a casa: a naturalização da responsabilidade feminina na organização do lar

8 <https://medium.com/pauta-genero/ofensas-a-patr%C3%ADcia-campos-mello-e-o-machismo-contra-mulheres-jornalistas-8527bc134c3d> Ofensas a Patrícia Campos Mello e o machismo contra mulheres jornalistas

9 <https://www.instagram.com/p/CFsx0yrFiIe/> Caso do menino Miguel



Figura 1: Postagem sobre cobertura da morte de Miguel Otávio

O Pauta Gênero volta-se também para como estes corpos são tratados pela cobertura midiática local na reprodução de estereótipos que incorrem diretamente sobre os corpos, neste caso, os femininos. Há exemplos voltados para a cobertura noticiosa e também para textos opinativos, nesta análise. São reflexões que dizem muito sobre como a mídia local trata o corpo feminino e como estes estereótipos reproduzem a adoção de tecnologias de gênero de forma circunscrever espaços permitidos e proibidos para determinados corpos, neste caso os corpos femininos. Isto vale para os banheiros mencionados por Preciado (2019) e para espaços abordados nas reflexões do Pauta Gênero, como no exemplo a seguir.



Figura 2: Postagem no Instagram com análise sobre a mídia local

Cabe enfatizar também o olhar de Pauta Gênero para as mulheres jornalistas. Ao tratar da misoginia sofrida por Patrícia Campos Mello, o projeto questiona o quanto uma mulher, e seu corpo, está submetida a suspeição em sua atividade profissional. Diferentes aspectos são acionados, até mesmo sua vida sexual, para questionar a competência da jornalista, deslegitimar o seu trabalho, por mais bem fundamentado que esteja. É uma disputa de poder em que o corpo é tomado como instrumento de disputa e campo de batalha, em que ele é regulado e significado por diferentes modos.

Pauta Gênero ao tratar do tema desvela estas relações de poder e como o corpo de Patrícia Campos Melo está sob ataque em diferentes aspectos no seu trabalho, seja lidando com sua fonte, que mente sobre os contatos realizados e pelo presidente que a trata como oponente. De certo modo, o tema é retomado posteriormente situando a situação em um contexto mais amplo: o do conjunto de mulheres jornalistas como profissionais mais suscetíveis aos ataques de ódio<sup>10</sup>.

10 <https://www.instagram.com/p/CMfuO0tF4pI/> Ser mulher jornalista aumenta o risco de violência e ataques de ódio





Figura 3: Postagem sobre ataques misóginos contra Patrícia Campos Mello

De diferentes modos os corpos abordados por Pauta Gênero caracterizam-se por serem semiosferas, que geram e sobre os quais são gerados diversos textos. São corpos lidos para além do biológico, mas considerando lugares comuns e preconceitos reproduzidos também na cobertura midiática, pelos profissionais ou pelos personagens abordados em suas declarações.

Entre as publicações de Pauta Gênero, marcadas pela chamada “Pauta Indica”, há as direcionadas para indicações que ao tocar diferentes questões avança também com olhares sobre os corpos em suas múltiplas textualidades. São livros, podcasts, filmes e outros produtos midiáticos com potencial para estimular discussões que tocam diferentes textualidades dos corpos, conectados às discussões realizadas nas reuniões do projeto e análises publicadas.

As indicações representam o quanto o corpo é texto a partir das possibilidades mencionadas por Campelo, no pensar, lembrar, operar e aprender. O texto reproduz dinâmicas do corpo e as indicações representam estes movimentos como reflexões, memória e ações culturais em diferentes mídias. Ao tocar cada questão pertinente às discussões do grupo cada livro, podcast ou filme aciona diferentes temas relacionados ao modo como o corpo se posiciona em texto.

Um exemplo é o podcast “Olhares”, que trata de questões ligadas ao feminismo em diferentes aspectos, como o feminismo decolonial e as mulheres em situação de rua. São olhares que tomam o corpo feminino como o texto em situações específicas, procurando delinear as tecnologias de gênero que envolvem o corpo feminino. A tecnologia do podcast é acionada então para contestar o apontado como hegemônico e instaurar debates com profundidade para superar as “histerias higienistas”, como as apontadas por Pelúcio. É uma oportunidade também de contextualizar, questionar e reposicionar debates realizados na arena midiática.



Figura 4: Publicação de Pauta Gênero com indicação sobre o Podcast Olhares

Provavelmente um dos exemplos mais profundos com abordagens sobre o corpo é a indicação do documentário “Laerte-se”, que trata da transição da cartunista Laerte Coutinho. Trata-se de um corpo eminentemente transformando, as visões sobre o corpo feminino e masculino embaralhando as fronteiras delienadas por Preciado, e transformado em seus elementos comunicacionais. O corpo de Laerte comunica, como aponta Rosário e Aguiar ao buscarem marcas particulares como indicadores de sentidos

das corporalidades. O estilo, a produção imagética de Laerte são integradas em um texto que a representa em uma complexidade.



Figura 5: Publicação sobre o documentário “Laerte-se”

Seja um podcast, ou um documentário, ou outras produções como livros, há uma diversidade de olhares sobre os corpos nas escolhas empreendidas por Pauta Gênero e que ficam evidenciadas nas publicações na rede social Instagram. Ao apresentarem as suas indicações, cada integrante empresta a publicação um olhar que também é uma representação do seu corpo como texto.

### Considerações finais

O Pauta Gênero direciona suas reflexões sobre os corpos considerando a ampliação de perspectivas, com a adoção de estratégias de acessibilidade. O “PraTodesVerem”, adotado no final de junho de 2021, toca o corpo deficiente, sobre o qual por muitos momentos há uma negligência a respeito do pensar, lembrar, operar e aprender. Trata-se de um corpo sobre o qual a semiotização acontece sobre novas bases, em que pontos de vista hegemônicos são questionados abertamente.

---

Trata-se de um corpo em que as tensões e distensões estão bastante evidenciadas com a ascensão de virtualidades dos corpos, já que nas redes ele pode apresentar-se como não diferente de outros corpos, de pessoas não deficientes. São semioses com composições incrivelmente potentes para transformações nas comunicações, com a instauração de novas especificidades, normas e regularidades assimiladas também pelo Pauta Gênero para ampliar diálogos e olhares sobre os corpos como textos.

Ao tocar a produção midiática, o Pauta Gênero aborda as diferentes corporalidades, seja em sua relação com a cultura, a comunicação e a linguagem em um aprofundamento da memória para questionar e propor mudanças sobre a constituição de textos a respeito de corporalidades. É um trabalho com resultados já bastante ricos desde a constituição do projeto de extensão, em março de 2020 e com potencial de mais debates e resultados para o futuro, considerando a potência do corpo como texto.

## REFERÊNCIAS

CAMPELO, C. Calei(dos)corpos. São Paulo:Annablume, 1997. P.37 –98.

PELÚCIO, L. O Cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Iberic@l. n.9, 2016.

PRECIADO, P.B. Lixo e gênero, mijar/cagar, masculino/feminino. Performatus. Ano 7 | N. 20 | Abr. 2019. (<https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/>)

PAUTA GÊNERO. [Blog institucional]. Disponível em: <https://medium.com/pauta-genero>. Acesso em: 12 jul. 2021.

ROSÁRIO, N.M. Imagens midiáticas em corpos eletrônicos. Intexto. N. 18, 2008. (<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/6723/4030>)

ROSÁRIO, N.M.; AGUIAR. L.. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 41, p. 166-185, 2014. (<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/82572>)